

Escravismo e Dinâmica da População Escrava nas Américas

CIRO FLAMARION S. CARDOSO*

Introdução

A primeira versão deste trabalho foi apresentada como comunicação ao colóquio *Modos de produção e dinâmica da população* (Cuernavaca, México, 24 a 28 de abril de 1978).

O objetivo que exprime o tema do colóquio e o título deste artigo faz pensar na conhecida passagem de Marx⁽¹⁾:

"(...) efetivamente, cada um dos modos históricos da produção social tem também a sua própria lei de população, lei que só a ele se aplica, que com ele deixa de ter vigência, e que por conseguinte só possui um valor histórico. Uma lei de população abstrata e permanente existe apenas para a planta e o animal, e mesmo assim, somente

enquanto não sofram a influência do homem."

De que maneira será possível falar de "leis de população" como sendo inerentes aos diversos regimes históricos concretos de produção? Não será verdade que, entre sociedades caracterizadas por sistemas econômicos similares, constatam-se enormes diferenças na dinâmica demográfica? Além disto, sabe-se quão complicado é o estabelecimento das relações do fator população com os demais elementos econômico-sociais, e com os dados relativos ao poder, às instituições, às ideologias.

Tratando precisamente da passagem de Marx que reproduzimos anteriormente, Pierre Vilar mostra que ela nos pode servir tanto de *postulado* afirmativo (correlação histórica entre cada modo de produção e leis específicas de população) quanto de *advertência* negativa (inexistência de leis de população abstratas e permanentes), mas está longe de ser uma receita para descobrir, em cada caso, o conteúdo da articulação demo-

O autor pertence ao Departamento de História e Geografia da PUC/RJ.

(1) MARX, Karl. *Le Capital. Critique de l'économie politique*. trad. de Joseph Roy. Paris, 1968. l. 1, t. 3.

grafia/configuração sócio-histórica global. Por outro lado, o mesmo autor argumenta que, no caso do modo de produção capitalista, a "lei de população" específica enunciada por Marx é apenas uma lei interna ao funcionamento do sistema, estabelecendo a necessidade do surgimento de uma população excedente relativa e conjunturalmente variável, independentemente da cifra absoluta da população total⁽²⁾.

Isto, porém, não significa que seja impossível correlacionar a dinâmica das variáveis demográficas propriamente ditas com a problemática relativa à análise dos modos de produção. De fato, isto é exatamente o que diversos autores vêm tentando fazer, em trabalhos que apresentam, às vezes, grande interesse⁽³⁾.

Se disto se trata, é preciso levar em conta a questão dos níveis de análise. Parece evidente que, de um modo de produção entendido como objeto teórico⁽⁴⁾, só se pode extrair afirmações tendenciais muito gerais quanto ao funcionamento da dinâmica da população. É o caso da teoria das chamadas

"crises de Antigo Regime" em vinculação com as forças produtivas — seu nível, suas formas de organização e desenvolvimento — e as relações de produção típicas do modo de produção feudal⁽⁵⁾. Já ao estudar os casos específicos — formações econômico-sociais concretas, localizadas no espaço e no tempo com precisão —, é óbvio que a análise deverá considerar a existência de mais de um modo de produção, a dialética sociedade/natureza em suas especificidades regionais ou locais, fatores superestruturais diversos etc.

Outro ponto é o que se refere à relação entre História Demográfica e História total. Recordemos apenas, a respeito, que qualquer tentativa de *deduzir* em forma simples e linear o que se supõe sejam os comportamentos das variáveis demográficas a partir de outros fatores, só pode levar a erros grosseiros e a simplificações de grande pobreza. Isto ocorre porque intervêm elementos não redutíveis diretamente à matriz do modo de produção — embora sua ação num dado meio histórico varie segundo as configurações histórico-sociais da base econômica (é o caso, por exemplo, dos fatores biológicos ou climáticos) — e porque as relações entre as variáveis demográficas e as econômicas, sociais, políticas, ideológicas, são extremamente complicadas⁽⁶⁾.

Este trabalho se interessa em analisar de que maneira, e até que ponto, o escravismo

(2) VILAR, Pierre. Démographie et mode de production. Cuernavaca, 1978. p. 8-15 (comunicação).

(3) Cf. diversas comunicações apresentadas ao mesmo colóquio, já mencionado, de Cuernavaca (1978), por exemplo: BONTE, Pierre. Organización de la producción y leyes de población en las sociedades nómadas; BOIS, Guy. A propos de la dynamique de la population dans les sociétés féodales. Ver ainda: GODELIER, Maurice. Modes of Production, Kinship, and Demographic Structures. In: BLOCH, M. ed. *Marxist Analyses and Social Anthropology*. London, 1975. p. 3-27.

(4) C. VILAR, Pierre. Historia marxista, historia en construcción. Ensayo de diálogo con Althusser. In: CARDOSO, Ciro F. S. & PÉREZ BRIGNOLI, Héctor, eds. *Perspectivas de la historiografía contemporánea*. México, Secretaría de Educación Pública, 1976, p. 150; também: CARDOSO, C.F.S. & PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *El concepto de classes sociales*. Madrid, 1977.

(5) VILAR, P., *Idem*, p. 135, fala a respeito do "ciclo original do modo de produção feudal"; cf. LABROUSSE, C. E., *Fluctuaciones económicas e historia social*, Madrid, 1962.

(6) Cf. VILAR, P. *Crecimiento y desarrollo*. 3. ed. Barcelona, 1976. p. 38-53; EVERSLEY, D.E.C. Population, Economy and Society. In: GLASS, D.V. & EVERSLEY, D.E.C., eds. *Population in History*. London, 1969. p. 23-69 (reimpressão); GOUBERT, Pierre. História social e demografia. In: LABROUSSE, E. et alii. *A História social. Problemas, fontes e métodos*. Lisboa, 1973. p. 261-77; WRIGLEY, E.A. *Historia y población*. Madrid, 1969; BOSERUP, Ester. *Las condiciones del desarrollo en la agricultura*. Madrid, 1967.

americano de tipo colonial, visto nas suas estruturas econômico-sociais básicas, pode explicar a dinâmica da população escrava.

Ora, esta problemática poderia ser tratada de diversas maneiras. Certas perguntas poderiam ser formuladas previamente: Pode-se aplicar o conceito de modo de produção a formações econômico-sociais de tipo colonial, ou seja, as surgidas como projeções ou complementos daquelas da Europa Ocidental durante a fase de predomínio do capital mercantil?; tais sociedades escravistas serão explicáveis a partir de um modelo único de sistema escravista, ou serão fundamentalmente heterogêneas entre si, respondendo a diversos modelos?; e se concluirmos pela existência de um só modelo de sistema escravista de tipo colonial, como explicar então a evolução divergente da dinâmica populacional dos escravos nas colônias britânicas da América do Norte (depois Estados Unidos) e em quase todas as áreas restantes das regiões escravistas do continente? Como vincular ao modelo o comportamento das variáveis demográficas?

Participamos, em outras ocasiões, de debates relativos às duas primeiras perguntas: optamos pela aplicação do conceito de modo de produção e consideramos todas as formações econômico-sociais escravistas das Américas casos analisáveis a partir de um modelo único de sistema econômico-social⁽⁷⁾. Neste artigo não podemos voltar às discussões teóricas do tipo das que acabamos de

(7) Para alguns debates a respeito dos pontos mencionados: ASSADOURIAN, Carlos S. et alii. *Modos de producción en América Latina, Cuadernos de pasado y presente*, 5. ed. (40), México, 1977; *HISTORIA y sociedad*, México, 5, primavera de 1975; PALERM, Angel. *Un modelo marxista para la formación socioeconómica colonial? México, 1974* (comunicação); CARDOSO, Ciro F. S. *As concepções acerca do "sistema econômico mundial" e "antigo sistema colonial": a preocupação obsessiva com a "extração de excedente"*. In: LAPA, J.R. Amaral, ed., *Modos de produção e realidade brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1980. p. 109-32.

mencionar. Partindo da hipótese de que é possível construir um só modelo explicativo do escravismo americano, trataremos de resumir suas características básicas e de verificar como vinculá-lo à questão da demografia dos escravos, tratando, entre outras questões, o mencionado contraste entre a evolução norte-americana por um lado, e a da maior parte do Caribe e da América Latina por outro lado.

Não é este um trabalho de pesquisa baseado em fontes primárias, mas sim um esforço de síntese e interpretação. Por esta razão, optamos por não embarcá-lo com um pesado aparelho estatístico, necessário e legítimo, sem dúvida, em monografias histórico-demográficas que exploram diferentes casos com dados de primeira mão. Neste artigo, as cifras aparecerão pouco, esporadicamente e sobretudo a título de exemplo ou ilustração. É claro, porém, que a comprovação numérica é parte essencial dos textos monográficos em que nosso trabalho se apóia. A validade de nossa síntese dependerá do que valham, por um lado, sua base teórica e as hipóteses dela derivadas, e por outro lado as pesquisas primárias usadas como elementos de comprovação.

1 Alguns Problemas de Documentação e Metodologia

A demografia dos escravos é provavelmente um dos domínios em que mais afirmações sem base suficiente foram feitas, a começar pelos contemporâneos da instituição escravista. No referente aos estudos recentes, sua tendência, durante muitas décadas, foi no sentido de deduzir, do modelo que se construísse do sistema escravista, e de observações dispersas de tipo qualitativo ou cifras isoladas encontradas em relatórios administrativos, correspondências de fazendeiros, escritos de intendentess ou viajantes etc., os elementos que, se supunha, caracterizassem a dinâmica populacional dos escravos. Neste sentido, um dos esquemas mais freqüentes é o que nos apresenta o dono de uma *plantation* — *homo oeco-*

nomicus por excelência — “escolhendo racionalmente”, com base na conjuntura dos produtos tropicais, e na disponibilidade, abundância e preço dos escravos trazidos pelo tráfico africano, seja desinteressar-se pela fecundidade das mulheres escravas (ou mesmo impedi-la), fazendo trabalhar intensamente os cativos até sua morte prematura — em sete ou oito anos —, já que sua substituição em condições aceitáveis economicamente era possível; seja, pelo contrário, tratar de intensificar o crescimento natural da população escrava. Veremos que há certos elementos de verdade em tal esquema, mas de qualquer maneira se trata de uma simplificação excessiva e “voluntarista”. O próprio Marx não escapou a este tipo de visão; é verdade que seu conhecimento do escravismo das Américas limitava-se estritamente ao Sul dos Estados Unidos, e mesmo neste caso estava baseado só em duas ou três fontes. Mais recentemente, podemos notar problemas semelhantes em um trabalho — muito interessante, aliás — de Jacob Goren-der, o qual se atém em demasia às formulações de Marx e a um único caso, o do Brasil, sem levar em conta a considerável bibliografia propriamente *demográfica* acerca das populações escravas do continente⁽⁸⁾.

(8) Ver WOODWARD, C. Vann. *American Counterpoint*. Boston, 1971, p. 78-106; para alguns argumentos do século XVIII a favor do predomínio de escravos do sexo masculino e de evitar as despesas ligadas à gravidez e à criação de crianças escravas, cf. DEBIEN, Gabriel. *Les esclaves aux Antilles françaises (XVIIIe siècle)*. Basse-Terre, 1974; MARX, *op. cit.*, I. 1, t. 1, p. 261: Marx cita uma longa passagem de Cairnes, na qual este autor afirma que existindo o tráfico de escravos, é possível “espremer do gado humano (...) a maior massa possível de rendimento no tempo mínimo”, mesmo em detrimento da alimentação adequada e do repouso; GOREN-der, Jacob. *O escravismo colonial*. São Paulo, 1978. cap. 16, 17; VILAR, *Démographie...*, p. 22, diz com razão: “Ao historiador compete examinar cada caso, sabendo que sempre será útil transformá-lo num exemplo, e cuidando de só passar ao modelo depois de um número suficiente de comparações.”

Uma deformação metodológica simetricamente oposta à que acabamos de mencionar é a do empirismo: em tal caso, são recolhidos e elaborados todos os dados quantitativos disponíveis acerca de taxas vitais, acreditando-se que deles sairá a verdade, sem referência a um quadro teórico. Comparações entre casos são feitas com base em hipóteses relativas às variáveis e à manipulação dos dados, mas com total desprezo pelas características específicas do sistema escravista com um todo, pela possibilidade de que as zonas comparadas estejam atravessando fases conjunturais diferentes etc.⁽⁹⁾.

Seja como for, existem hoje mais elementos para tentar uma interpretação de conjunto que, sem deixar de lado o plano teórico e a relação da demografia com os demais fatores — econômicos, sociais e outros —, também não despreze a possibilidade de confrontar as hipóteses relativas aos comportamentos demográficos da população escrava com os dados e estudos quantitativos disponíveis.

Isto não significa que não existam problemas quanto à própria pesquisa básica dos aspectos quantitativos da questão. Em primeiro lugar, os esforços estão mal distribuídos: concentram-se sobretudo nos Estados Unidos e no Caribe britânico, e muito menos em outras áreas. Por outro lado, são quase sempre escassos os dados confiáveis e em suficiente quantidade sobre variáveis de peso, por exemplo as taxas diferenciais de mortalidade por idades, principalmente quanto aos menores de quinze anos. Isto levou a duas formas de trabalho, ambas dotadas de suas vantagens e seus perigos: a pesquisa ao nível de *plantations* individuais, cujos dados são muitas vezes melhores do que a informação agregada disponível (mas

(9) Um exemplo é o trabalho — no entanto de grande utilidade — de KLEIN, Herbert S. & ENGERMAN, Stanley L. *The demographic study of the american slave population: with particular attention given the comparison between the United States and the British West Indies*. Montréal, 1975 (comunicação).

que traz consigo grandes problemas relativos à extrapolação desse nível ao da sociedade global); e a manipulação dos dados existentes a partir de modelos de população estável, com a finalidade de estabelecer taxas e relações (com a possibilidade de obter resultados inadequados segundo hipóteses inexatas)⁽¹⁰⁾.

Outra dificuldade é a de que, enquanto existiu, o tráfico negreiro africano foi elemento de complicação para as possibilidades de cálculos demográficos confiáveis, e para a comparação entre áreas. Tal comparação torna-se difícil devido aos contrastes no volume da imigração forçada, muito variável no tempo e no espaço. Em cada caso estudado, o efeito do tráfico é o de distorção dos dados disponíveis, devido à grande diferença que pode ser constatada, nos raros casos conhecidos em detalhe, entre a demografia dos escravos vindos da África e a dos escravos nascidos na América (crioulos). Especialmente importante era o fenômeno que nas colônias britânicas recebia o nome de *seasoning*, correspondente à fase imediatamente posterior à chegada de um "carregamento" de cativos africanos: expostos a um novo ambiente e a novos tipos de enfermidades, sua mortalidade durante alguns meses era alta em extremo; outrossim, os recém-chegados podiam por sua vez contaminar a

população local (crioulos, africanos já aclimatados etc.). Os efeitos do *seasoning* sobre as estatísticas globais de mortalidade são graves, impedindo uma visão clara da mortalidade da população já assentada. De modo análogo, as taxas globais de fecundidade ocultam muitas vezes comportamentos bem diferentes, quanto a tal variável, das mulheres africanas e das escravas crioulas⁽¹¹⁾.

2. O Sistema Econômico Escravista de Tipo Colonial

Neste artigo só descreveremos sumariamente o que consideramos serem os mecanismos principais do escravismo colonial⁽¹²⁾. Este, tendo surgido como anexo complementar do sistema produtivo europeu ocidental, apresentava cinco características básicas:

a. estruturalmente, incluía pelo menos dois setores agrícolas articulados: um sistema escravista dominante, produtor de mercadorias destinadas aos mercados europeus; e um sistema camponês produtor de alimentos, subordinado ao primeiro, exercido pelos próprios escravos através do seu trabalho autônomo em lotes dados em usufruto, e eventualmente por outros tipos de trabalhadores. O setor camponês era necessário ao funcionamento do sistema global de vários pontos de vista: minimização das despesas de manutenção da população escrava; provisão de alimentos para a população livre através de um comércio interno exercido em parte pelos escravos (que podiam conservar os ganhos obtidos ao vender os excedentes de suas parcelas); como mecanismo preventivo de controle, para diminuir o perigo das fugas e revoltas de escravos. O setor camponês, sempre subordinado ao escravismo

(10) Um exemplo de análise de *plantations* individuais são os trabalhos de Craton, como: CRATON, Michael. *Jamaican slavery*. In: ENGERMAN, S. L. & GENOVESE, E. D., eds. *Race and slavery in the western hemisphere*. Princeton, 1975. p. 249-84; como exemplos do emprego de modelos de população estável, citemos: EBLEN, Jack E. *A reconstruction of the vital rates of the black population in the United States in the nineteenth century*. In: *Demography*, 11, 1974, p. 301-19; e, do mesmo autor: *On the natural increase of slave populations: the example of the cuban black population, 1775-1900*. In: ENGERMAN & GENOVESE, ed. *idem*. p. 211-47. Ver também as observações de MERRICK, Thomas W. & GRAHAM, Douglas H. *População e desenvolvimento econômico no Brasil*. Rio de Janeiro, 1981. p. 82-83, referindo-se a cálculos de Pedro Carvalho de Mello.

(11) O segundo dos artigos de Eblen citados na nota anterior mostra como as escravas crioulas de Cuba tinham taxas de fecundidade comparáveis às das escravas norte-americanas no século XIX, coisa que as taxas agregadas ocultam.

(12) Cf. CARDOSO, Ciro F. S. *Afro-América: A escravidão no Novo Mundo* (no prelo).

dominante, nunca esteve ausente⁽¹³⁾, mas pôde ser mais ou menos importante segundo os casos, tanto no que diz respeito à proporção da subsistência (comida, roupa) da população escrava que garantia, quanto às suas repercussões sociais. Sua importância parece ter sido máxima no Caribe e mínima no Sul dos Estados Unidos.

b. as forças produtivas tinham, no conjunto, um nível relativamente baixo, caracterizando-se pelo emprego extensivo tanto dos recursos naturais quanto da força de trabalho. A economia das *plantations* e das minas escravistas exigia, porém, um certo desenvolvimento da especialização e da divisão do trabalho entre os escravos, se bem que predominasse a cooperação simples. Por outro lado, se as técnicas agrícolas não tiveram em geral grande desenvolvimento, houve um surto relativo das técnicas de beneficiamento, e da metalurgia no caso das minas (significando, na maioria dos casos, adoção ou adaptação de tecnologia disponível, e não verdadeira geração de tecnologia)⁽¹⁴⁾.

c. no nível macroeconômico, a lógica do sistema era inseparável da do capital mercantil no seu conjunto. O caráter especializado da produção colonial, a concentração

dos fatores de produção na elaboração de certos tipos de mercadorias, as formas comerciais, só são compreensíveis no quadro do processo de acumulação originária ou primitiva de capital. Marcello Carmagnani tratou de mostrar como o trabalho compulsório era necessário para que se cumprisse o duplo circuito mercantil característico dessa economia, de tal maneira que ficasse garantido o lucro da classe mercantil européia e o (menor) dos comerciantes das Américas⁽¹⁵⁾.

d. no nível microeconômico, a rentabilidade da empresa escravista dependia, principalmente: 1. da minimização das despesas de manutenção dos escravos (o que se liga à primeira característica que comentamos); 2. do máximo grau possível de auto-suficiência quanto aos insumos locais, numa economia interna de baixo nível de monetarização (a compra de insumos importados, como o ferro por exemplo, era inevitável); 3. da concentração dos recursos disponíveis preferencialmente em escravos e em meios de produção utilizados para a produção de certos tipos de mercadorias — produtos tropicais, metais preciosos —, sendo a conjuntura favorável de tais produtos fator de peso para o sucesso da empresa escravista.

e. os principais mecanismos de reprodução das relações de produção e do processo de acumulação eram: 1. o tráfico africano como mecanismo básico para prover a força de trabalho necessária (só no caso do Sul dos Estados Unidos surgiu uma alternativa viável à importação de escravos da África); 2. como em qualquer sistema pré-capitalista, mecanismos extra-econômicos de diversos tipos, configurando o que habitualmente se chama de “tratamento dos escravos” (vigilância, repressão, paternalismo) e o conjunto de fatores que Fernando Henrique Car-

(13) No Brasil, só há poucos anos se começou a dar importância a tal traço característico do sistema escravista americano. Ver por exemplo SCHWARTZ, Stuart B. *Resistance and accommodation in eighteenth-century Brazil: the slaves "view of slavery"*. In: *Hispanic American Historical Review*, 57, (1), 1977. p. 69-81. No caso do Caribe, os estudos mais detalhados são os de MINTZ, Sidney W. *Caribbean transformations*. Chicago, 1974.

(14) MARX, *op cit.*, I. 1, t. 2, p. 26-27. Estudos recentes mostraram que se havia exagerado a impossibilidade do desenvolvimento técnico sob o escravismo moderno: ver por exemplo CASTRO, Antônio Barros de. *Em torno à questão das técnicas no escravismo*. Rio de Janeiro, 1977 (comunicação). Para uma crítica dos excessos a que pode chegar tal revisão, cf. nosso trabalho indicado na nota n.º 12 deste rol.

(15) CARMAGNANI, Marcello. *Formación y crisis de un sistema feudal*. México, 1976. p. 31-44.

doso propôs denominar como “socialização incompleta” dos cativos⁽¹⁶⁾.

Como é natural, ao analisar o escravismo do Novo Mundo em sua fase de crise final, torna-se necessário levar em conta, além dos fatores que fornecemos, outros vinculados a tal crise, como por exemplo as respostas dadas ao fim do tráfico africano e os efeitos do tráfico interno, quando este ocorreu.

3. A Dinâmica Populacional dos Escravos: seus vínculos com o sistema econômico vigente nas áreas escravistas

FATORES DA DINÂMICA POPULACIONAL NÃO DEPENDENTES DIRETAMENTE DA ESTRUTURA ECONÔMICO-SOCIAL

Mencionemos, em primeiro lugar, o meio ambiente. Certos estudos chamaram a atenção sobre o fato de serem as taxas de mortalidade dos escravos mais elevadas nas regiões tropicais do continente do que nas zonas temperadas da América do Norte, devido a uma incidência maior de enfermidades endêmicas ou epidêmicas nas primeiras. Outrossim, o complexo clima/dieta também pode ter efeitos diferenciais sobre a fertilidade. Fatores como o clima e as doenças não dependem em forma direta das estruturas econômico-sociais; o seu grau de incidência, porém, está estreitamente ligado à configuração das forças produtivas, à alimentação e ao regime de vida e de trabalho mais ou menos adequados, ao desenvolvimento dos conhecimentos médicos e às despesas consentidas pelos senhores para o cuidado médico do escravo⁽¹⁷⁾.

(16) Cf. CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional**. São Paulo, 1962. p. 153-60.

(17) A questão do clima em relação com as enfermidades tem a ver, naturalmente, com a da imunidade natural dos africanos a certas contaminações, tema tratado, entre outros, por CURTIN, Philip D. *The Atlantic*

Outros importantes fatores extra-econômicos referem-se aos padrões africanos relativos a regras de matrimônio, costumes sexuais, duração da lactância (e proibições sexuais durante esta última) e ao grau em que os modelos africanos a respeito puderam subsistir nas Américas. Isto obviamente deve ter influenciado sobre a fecundidade diferencial dos escravos. A incidência destes elementos culturais, no entanto, dependeu estreitamente daqueles fatores econômicos que determinaram o volume e a duração do tráfico africano segundo as regiões, e portanto a proporção entre negros e não-negros nas diversas populações, a de negros africanos em relação a negros crioulos em diferentes épocas etc.⁽¹⁸⁾.

ELEMENTOS BÁSICOS DO FUNCIONAMENTO DEMOGRÁFICO DA POPULAÇÃO ESCRAVA EM FUNÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DO REGIME DE *PLANTATION*

Considerando-se o período de vigência do tráfico africano, nos casos já estudados observa-se um processo que não conhece exceção: ao desenvolver-se em qualquer zona a *plantation* escravista, aumentava muito em tal região a taxa de mortalidade entre os escravos; posteriormente, essa taxa voltava a diminuir. Devido à falta de dados, é difícil

slave trade: a census. Madison, 1969. Segundo SHERIDAN, Richard D. Mortality and the medical treatment of slaves in the British West Indies. In: ENGERMAN & GENOVESE, eds., *op cit.*, p. 285-310, não havia grandes diferenças no relativo aos gastos efetuados com o atendimento médico dos escravos na Antilhas e no Sul dos Estados Unidos. Este aspecto não foi ainda estudado em muitos casos. O próprio nível da capacidade médica deve ter variado amplamente de colônia a colônia.

(18) Assim, no Sul dos Estados Unidos a população negra sempre foi minoritária. Os Estados Unidos receberam menos de 5% dos escravos africanos durante toda a duração do tráfico; por volta de 1770, os nascidos na África representavam apenas 30% da população de cor norte-americana, contra 70% na Jamaica: KLEIN & ENGERMAN, *op. cit.*

fazer afirmações categóricas quanto à fecundidade; parece, porém, que esta diminuía paralelamente ao incremento da mortalidade, e subia ao diminuir esta última. Este processo foi constatado quanto ao desenvolvimento do arroz na Carolina do Sul (século 18), do açúcar nas Antilhas inglesas e francesas (fins do século 17 — século 18) e em Cuba (século 19)⁽¹⁹⁾. No caso do Brasil, pelo que sabemos, tal correlação não foi explorada em forma específica para o período anterior ao fim do tráfico africano.

Como explicar a evolução mencionada?

Segundo parece, o elemento central é aqui o grau de integração ao mercado mundial, como fator determinante das modalidades da situação e do grau de exploração dos escravos⁽²⁰⁾. Deste elemento central resultam dois outros, de enorme importância para o comportamento demográfico: 1. a intensidade do tráfico africano; 2. os efeitos da economia de *plantation*.

Certos estudos sobre os períodos iniciais da colonização das Antilhas mostram que, antes da expansão açucareira, as escolhas relativas às compras de escravos eram de um tipo que resultava — mesmo se não em forma proposital — na freqüência elevada de lares de escravos baseados em casais estáveis (famílias nucleares), potencialmente muito mais fecundos do que outros tipos de

lares⁽²¹⁾. Esta situação mudava, porém, com o crescimento da economia de *plantation*, provocando uma incidência forte do tráfico negro africano.

Para entender os efeitos desta forma especial de imigração forçada que era o tráfico sobre as populações escravas, é preciso chamar a atenção sobre dois pontos. Em primeiro lugar, a estrutura muito peculiar por sexo e por idade dos migrantes, muito diferente da de qualquer população assentada. As mulheres de todas as idades representavam sempre uma minoria — no conjunto talvez aproximadamente 40% —; as crianças (de menos de 14 ou 15 anos) de ambos os sexos, menos de um terço; o fato de as mulheres que chegavam já estarem, na maioria dos casos, em idade de procriar, diminuía, no conjunto, o número de anos férteis por mulher importada vividos nas Américas, agindo negativamente sobre a fecundidade potencial. Assim, quando numa colônia o tráfico africano incidia em alta escala e durante um período relativamente longo, as distorções resultantes na estrutura da população receptora eram desfavoráveis à taxa de fecundidade: desproporção entre o número de homens (mais numerosos) e de mulheres entre os adultos, menor fecundidade (potencial e real) das mulheres africanas em comparação com as escravas crioulas, reduzido número de meninas (futuras reprodutoras potenciais) etc.⁽²²⁾

(19) Cf. WOOD, Peter H. *Black majority*. New York, 1974; SHERIDAN, op. cit.. EBLEN. On the natural increase... , op. cit.

(20) MARX, op. cit., l. 1, t. 1, p. 231-32 e t. 3, p. 201; MINTZ, Sidney W. Labor and sugar in Puerto Rico and Jamaica, 1800-1850. In: *Comparative studies in society and history*, March 1959. p. 273-80; do mesmo autor, Review of Stanley M. Elkins "Slavery". In: *American Anthropologist*. June 1961, p. 579-87; HOETINK, H. *The two variants in Caribbean race relations*. London, 1967. p. 23-31. para um testemunho contemporâneo particularmente lúcido, ver DE GALARD-TERRAUBE. *Tableau de Cayenne ou de la Guiane Française*. Paris, 1797. p. 160-61.

(21) Cf. DEBIEN, G. op. cit.; DUNN, Richard S. *Sugar and slaves*. Chapel Hill, 1972; HIGMAN, Barry W. Household structure and fertility on Jamaican slave plantations: a nineteenth century example. In: *Population studies*. 17, 1973. p. 527-50.

(22) Discute-se a razão do menor número de mulheres do que de homens entre os escravos trazidos da África. As fontes contemporâneas são unânimes na preferência pelos homens, considerados trabalhadores mais eficientes, e os preços refletem tal preferência. Recentemente, porém, duas opiniões divergentes se manifestaram a respeito. Por um lado, colocou-se a hipótese de que seriam talvez os africanos, nas regiões de origem, que se opu-

O segundo ponto que deve ser salientado acerca do tráfico africano tem a ver com o já mencionado efeito catastrófico do *seasoning*: os contemporâneos da escravidão pretendiam que mais de 30% dos recém-chegados morriam em questão de meses ou quando muito nos dois ou três anos seguintes ao seu ingresso, o que tinha de influir poderosamente sobre a taxa global de mortalidade⁽²³⁾.

Note-se que, em circunstâncias tão peculiares, a diminuição da taxa de natalidade e o aumento da mortalidade não configuram uma diminuição "natural" ou "vegetativa" da população no sentido exato do termo, já que, de fato, resultam de um fenômeno migratório em alta medida.

Poder-se-ia perguntar se, na época que seguiu ao encerramento do tráfico africano, o tráfico interno de escravos, que o substituiu durante várias décadas em países como os Estados Unidos e o Brasil, teve também efeitos demográficos importantes no relativo à mortalidade e à fecundidade. No caso do Brasil, alguma atenção foi prestada, em pesquisas recentes relativas à fase posterior a 1850, ao tráfico inter-regional, do Nordeste e do Norte em direção às províncias do Sudeste e intermunicipal, no interior destas (das cidades e das zonas rurais não-cafeeiras aos

nham à saída de grande número de mulheres, e tratou-se de apoiar tal opinião em EDWARDS, Bryan. **The History civil and commercial of the british colonies in the West Indies**. London, 1819. 2, p. 138-40. Por outro lado, autores como P. Curtin e R. Dunn argumentaram que a proporção entre os sexos era mais equilibrada no tráfico do século XVII, situação que mudou no século seguinte (cf. a discussão a respeito por HIGMAN, B. W. In: RUBIN, V. & TUDEN, A. eds., **Comparative perspectives on slavery in New World plantation**. New York, 1977, p. 143-44.

(23) Acerca do *seasoning*, ver CRATON, Michael. Jamaican slave mortality: fresh light from worthy park, longville and the tharp estates, In: **Journal of Caribbean History**. (3), 1971, p. 1-27; PATTERSON, Orlando. **The Sociology of slavery**. London, 1967.

municípios onde se desenvolvia o café). Além da forte concentração dos escravos remanescentes logo antes da abolição nas regiões cafeeiras (dois terços em 1887), em particular nas províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo, notou-se um aumento, em tais províncias, dos escravos jovens do sexo masculino. Por outro lado, os escravos nascidos na África foram componente mais forte no caso do Rio de Janeiro, e os escravos crioulos (nascidos no Brasil) no de São Paulo: assim, no conjunto, a população escrava do Rio de Janeiro era mais velha do que a de São Paulo, como se pode constatar pelo recenseamento de 1872 (de duas décadas posterior ao fim do tráfico africano). Parece evidente que os fatores ligados às modalidades e ao volume do tráfico interno de escravos devem ter exercido fortes efeitos demográficos — ainda não cabalmente explorados — tanto no caso das zonas que se "esvaziaram" relativamente de cativos, quanto no das regiões receptoras. A oposição do forte contingente de africanos (população mais velha) no Rio de Janeiro, e de crioulos em São Paulo, tanto pela questão da idade quanto pela da fecundidade notoriamente mais alta das escravas crioulas, deve ser um dos fatores importantes na explicação da maior fecundidade sugerida para a população escrava paulista por medidas indiretas. Por outro lado, o incremento na proporção de escravos do sexo masculino nas províncias do café só pode ter sido fator desfavorável à fecundidade⁽²⁴⁾.

Além da intensificação da imigração forçada, com tão pesadas conseqüências demográficas, o desenvolvimento da economia de *plantation*, suscitado por uma maior integração aos circuitos comerciais atlânticos, tinha também outros efeitos que repercutiam sobre as variáveis populacionais.

Higman demonstrou a existência de uma correlação, no caso da Jamaica no século 19, entre as *plantations* açucareiras e uma mor-

(24) Cf. MERRICK & GRAHAM. *op. cit.*, p. 90-96, 86-87.

talidade mais elevada dos escravos. No caso dos Estados Unidos, achou-se uma fecundidade mais baixa nas regiões produtoras de açúcar, mas não no caso do algodão (cuja produção se dava em explorações agrícolas menos características do modelo de *plantation*). Nas Antilhas, as unidades de produção realmente grandes e que concentravam quantidades muito consideráveis de escravos eram muito mais numerosas do que no Sul dos Estados Unidos⁽²⁵⁾.

De que maneira a economia de *plantation* podia influir no sentido de uma maior mortalidade e de uma diminuição da fecundidade entre os escravos, além dos efeitos já mencionados do tráfico?

Como é fácil adivinhar, a razão consiste em que a integração mais estreita ao mercado mundial suscita uma sede maior de trabalho excedente. Ao provocar o avanço da classe dominante colonial sobre o tempo necessário dos escravos, principalmente em certas etapas do ciclo agrícola — a safra da cana e a fabricação do açúcar, por exemplo — e nos auges conjunturais dos ciclos tropicais (ou mineiros) de exportação, este fato pode refletir-se no comportamento das variáveis demográficas. Isto ocorre por intermédio de uma dieta pior, de um menor cuidado e de menos possibilidades de repouso durante a gravidez e após o parto etc., dos quais resultavam efeitos negativos sobre os elementos de que dependem a fertilidade e a fecundidade femininas, e um aumento da mortalidade em geral — pela maior suscetibilidade às ondas epidêmicas, devido ao excesso de trabalho aliado à má alimentação,

(25) Sobre este aspecto da questão, cf. KLEIN & ENGERMAN, *op. cit.* No caso do Brasil, a recente tendência à regionalização dos estudos sobre a escravidão — Katia Mattoso e sua equipe na Bahia, Robert Slenes em São Paulo, Francisco Vidal Luna e Iraci Costa quanto a Minas Gerais etc. — poderá desembocar num melhor conhecimento das relações entre a *plantation* e a demografia. Robert Slenes e Pedro Carvalho de Mello trabalham atualmente sobre tal tema.

por exemplo —, e da mortalidade infantil em especial. No caso do ciclo brasileiro do ouro nos seus inícios, parece ter sido importante, no sentido de propiciar forte mortalidade, a transferência de numerosos escravos a uma zona até então vazia, onde o abastecimento era no começo extremamente difícil⁽²⁶⁾. Vê-se, então, que não estavam totalmente errados aqueles — como Olmsted, Cairnes e Marx — que ligavam o aumento da exploração dos escravos a um aumento de suas taxas de mortalidade. Só que exageraram muito, negativamente, a avaliação da média de vida ativa dos cativos — sete anos apenas, coisa que os dados disponíveis não confirmam —,⁽²⁷⁾ além do que é um tanto simplista falar, a respeito, de um “sistema friamente calculado”⁽²⁸⁾.

Ao enfraquecer-se o surto exportador e ao diminuir, por conseguinte, a incidência do tráfico africano, logicamente se estabeleciam, depois de alguns anos, proporções mais normais de sexo e idade no seio da população escrava. Outrossim, passavam a ser mais numerosos os escravos crioulos, já aclimatados e com maior imunidade às enfermidades locais. Isto levava, portanto, a uma diminuição da taxa de mortalidade e a um aumento da de fecundidade, pelo menos em termos relativos.

(26) MORENO FRAGINALS, Manuel. *El ingenio. El complejo económico social cubano del azúcar*. Havana, 1964, 1, ilustra muito bem os efeitos do desenvolvimento do sistema de *plantation* sobre a situação dos escravos; BOXER, C. R. *A idade de ouro do Brasil*. São Paulo, 1963. cap. 2.

(27) GOULART, Mauricio. O problema da mão-de-obra: o escravo africano. In: HOLLANDA, Sérgio Buarque de, ed. *História geral da civilização brasileira*, 3. ed. São Paulo, 1973. p. 190. t. 1.: A Época Colonial. v. 2; Administração, Economia e Sociedade, mostra que, no caso brasileiro, um período de vida ativa de sete anos não seria rentável sequer no caso da produção de ouro. Ver também KLEIN & ENGERMAN, que mostram que os dados numéricos disponíveis em outros casos vão também contra tal hipótese (*op. cit.*).

(28) MARX. *op. cit.*, I. 1, t. 1, p. 232.

Deve ser notado que, além do já referido, outros fatores incidiam sobre a demografia dos escravos, como por exemplo a ocorrência de crises cíclicas envolvendo o abastecimento agrícola e as epidemias. Este aspecto da questão está mal estudado. Sabe-se que houve, nas colônias escravistas, tanto crises de subsistência quanto — com maior frequência — ondas epidêmicas. Falta analisar a mortalidade diferencial, em tais ocasiões, segundo grupos étnicos⁽²⁹⁾, e os efeitos demográficos a curto e longo prazos; muitas vezes ocorrem, a respeito, sérios problemas de documentação, mas numerosos estudos de casos que poderiam ter sido realizados não o foram ainda. Os trabalhos teriam de levar em conta, neste campo, a relação da dieta e das condições materiais de vida em geral com a menor ou maior suscetibilidade às epidemias.

O CONTRASTE ENTRE A DINÂMICA POPULACIONAL DOS ESCRAVOS NO SUL DOS ESTADOS UNIDOS E NAS DEMAIS REGIÕES ESCRAVISTAS

Por volta de meados do século 19, os Estados Unidos, as Antilhas (e Guianas) e o Brasil continham, cada um, um terço, *grosso modo*, da população negra e mulata do Novo Mundo: e, no entanto, enquanto a re-

gião do Caribe recebeu aproximadamente a metade dos escravos chegados da África no decurso total do tráfico, e o Brasil mais ou menos 40%, aos Estados Unidos coube receber menos de 5% dos africanos trazidos à força para as Américas⁽³⁰⁾.

A questão consiste, portanto, em procurar as razões do contraste entre o aumento vegetativo — desde o século 18 — dos escravos no Sul dos Estados Unidos e sua diminuição nas outras zonas escravistas (nas quais o aumento do número dos escravos sempre dependeu da quantidade de imigrantes forçados em forma principal).

Será, porém, tal contraste tão real e absoluto quanto o acabamos de formular? Existem, sem dúvida, exceções. Na minúscula ilha britânica de Barbuda e nas pequenas Antilhas holandesas foi possível constatar um incremento natural da população escrava: mas o seu peso total no conjunto da Afro-América é ínfimo, e em todas elas achamos estruturas econômicas bastante peculiares, distantes do modelo típico da *plantation* ou da mina escravista. Quanto ao Brasil, Robert Slenes vem tratando de mostrar que, no período posterior ao fim do tráfico africano, a região centro-oeste de São Paulo teria conhecido um padrão de frequência dos casamentos e de existência e estabilidade das famílias nucleares entre os escravos mais alto do que antes se supunha. Sendo este, como veremos, um dos fatores invocados para explicar o crescimento vegetativo da população escrava norte-americana, poderia sem dúvida apontar na direção de tendência similar em certas regiões brasileiras durante as décadas finais do escravismo. No entanto, a tese doutoral do próprio Slenes confirma, para o conjunto do Brasil, a diminuição em termos absolutos da população escrava na década de 1870, inclusive depois de feitos os necessários ajustes re-

(29) Em nosso estudo da Guiana Francesa achamos que, em todas as crises epidêmicas conhecidas no século 18, a mortalidade dos escravos superou em muito a dos brancos: CARDOSO, Ciro F. S. *La Guyane française (1715-1817). Aspects économiques et sociaux*. Paris, 1971. t. 2, (tese doutoral datilografada). No caso de algumas das menores Antilhas, que dependiam da América do Norte para uma parte importante da sua provisão de alimentos, a guerra de independência dos Estados Unidos, interrompendo os contactos marítimos, teve efeitos graves; também os tinham, às vezes, os ciclones: ver KLEIN & ENGERMAN, *op. cit.*, os quais se baseiam em Sheridan quanto a este ponto. Para a questão da mortalidade diferencial dos escravos no caso do Brasil, cf. MERRICK & GRAHAM, *op. cit.*, p. 82-84 (em parte baseado em cálculos de Pedro C. de Mello).

(30) KLEIN & ENGERMAN, *Idem*; CURTIN, *op. cit.*

lativos às alforrias e a outros fatores perturbadores⁽³¹⁾.

Assim, em termos gerais, o mencionado contraste entre os Estados Unidos, Caribe e América Latina se mantém. Sua explicação é ainda uma questão histórica aberta, objeto de debates. Apresentaremos em forma resumida as hipóteses principais a respeito.

Durante muito tempo, foi corrente a referência a uma prática deliberada da criação de escravos no Sul dos Estados Unidos durante o século 19, em particular nos estados cujo solo estava já esgotado pelo algodão, os quais se especializariam na sua venda às zonas onde então se encontrasse em expansão a fronteira móvel das plantações algodoceiras. Há poucos anos, Fogel e Engerman puseram em dúvida esta hipótese, antes amplamente aceita — inclusive pelos observadores do século 19, dentro e fora dos Estados Unidos, os quais não tinham qualquer dúvida a respeito —, com argumentos não totalmente convincentes, e baseados numa seleção de dados bastante suspeita quanto à sua representatividade estatística. Seja como for, é um fato comprovado o de que, já antes do século passado, ocorria o aumento vegetativo da população escrava no país, isto é, antes de encerrar-se o tráfico africano, ponto que deve ser explicado satisfatoriamente⁽³²⁾.

(31) RUBIN & TUDEN, eds. *op. cit.*, p. 566, para o caso de Barbuda; LAMUR, Humphrey E. Demographic performances of two slave populations of the dutch speaking caribbean. In: *Boletín de Estudios Latinoamericanos y del Caribe*, (30), junho de 1981, p. 87-102; SLENES, Robert W. Slave marriage and family patterns in the coffee regions of Brazil, 1850-1888. Convention of the American Historical Association, 1978 (comunicação); do mesmo autor, *The Demography and economics of Brazilian slavery 1850-1888*. Stanford, 1975, cap. 8 (tese doutoral).

(32) Sobre este debate, ver por exemplo: SUTCH, Richard. The Breeding of slaves for sale and the westward expansion of slavery, 1850-1860. In: ENGERMAN & GE-

Um conjunto de fatores — climáticos, relativos à dieta, à estrutura dos lares, a uma menor vigência de grandes *plantations* etc. — explicaria a maior fecundidade e menor mortalidade constáveis no caso dos escravos norte-americanos. Em particular, teria grande importância a quantidade de famílias nucleares entre os cativos, muito maior nos Estados Unidos do que nas demais regiões escravistas⁽³³⁾. Predominava, outrossim, naquele país, a distribuição direta de rações de comida suficientes aos escravos, favorecida pela existência do Oeste produtor de alimentos. Assim, embora também existissem as parcelas de subsistência, sua importância era apenas subsidiária, e as mulheres grávidas ou com filhos pequenos teriam a garantia de alimentação adequada, pelo menos quantitativamente, sem renunciar ao repouso.

Finalmente, Klein e Engerman lançaram a hipótese de que a causa central seria que, nos Estados Unidos, os intervalos intergenésicos que separavam o nascimento de filhos

NOVESE, eds., *op. cit.*, p. 175-210; FOGEL, Robert W. & ENGERMAN, S. L. *Time on the cross*. Boston, 1974. 2 v. KLEIN & ENGERMAN, *op. cit.* Quando, no Brasil, foi abolido o tráfico africano (1850), houve debates parlamentares nos quais se discutiu abertamente a possibilidade de uma "criação" de escravos, descrevendo-se então, detalhadamente, o caso da Virgínia (Cf. CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravatura no Brasil 1850-1888*, Rio de Janeiro, 1975. p. 43-44). Tal abolição, porém, coincidiu com o surto cafeeiro do Vale do Paraíba: a procura existente visava à obtenção de escravos adultos prontos para o trabalho, e optou-se pelo tráfico interno: MARTINS, Ismênia Lima. Os problemas de mão-de-obra da grande lavoura fluminense. O tráfico intra-provincial (1850-1878). Niterói, s. d. (comunicação).

(33) Sobre o predomínio de casais estáveis e lares nucleares entre os escravos norte-americanos, ver GUTMAN, Herbert G. *The Black family in slavery and freedom 1750-1925*. New York, 1977; acerca de sua menor frequência nas Antilhas, Cf. HIGMAN, Household Structure... *op. cit.* e KLEIN & ENGERMAN, *Idem* (com base em trabalhos de Craton e Higman).

sobreviventes de cada mulher escrava eram em média muito mais curtos do que nas Antilhas, devido a um período de lactância — fase à qual, na África, vinculavam-se prescrições de abstinência sexual — igualmente menos prolongado. Isto é explicado por eles a partir de uma aculturação mais rápida e intensa dos negros norte-americanos, devido a uma incidência muito menor do tráfico, e à sua condição de minoria em relação à população branca, mesmo no Sul⁽³⁴⁾.

É possível que a explicação global deva lançar mão de todos ou de vários destes fatores, os quais, de uma ou outra maneira, dependem da estrutura e do funcionamento do sistema escravista — embora mais indiretamente no caso da última hipótese mencionada. Esta questão continua em aberto, porém, exigindo em especial mais pesquisas dos casos latino-americanos, muito mal conhecidos ainda, em termos gerais, do ponto de vista demográfico, apesar de progressos recentes muito consideráveis.

Conclusão

Este pequeno trabalho destina-se apenas a alimentar a discussão acerca da relação entre o escravismo e a dinâmica demográfica dos escravos nas Américas. Não pretendeu esgotar o tema e, de fato, deixou de lado voluntariamente muitos elementos e aspectos pertinentes à análise, tais como a mestiçagem, o impacto das alforrias, a população livre de cor e sua interação com os cativos. Julgamo-

nos autorizados a agir assim porque, os cálculos que conhecemos, os ajustes feitos para levá-los em conta não alteraram as conclusões gerais⁽³⁵⁾.

Parece-nos que, do exposto, duas coisas podem extrair-se como conclusão: 1 o comportamento demográfico dos escravos nas Américas dependia estreitamente do funcionamento do sistema escravista — por sua vez dependente da lógica global da expansão colonial mercantilista —, o qual, como qualquer sistema econômico-social, apresentava contradições internas e portanto determinadas virtualidades que poderiam desembocar na existência de variantes do próprio sistema; 2. em função do último aspecto, e de outros tipos de fatores, a variante norte-americana e a do Caribe e da América Latina, ainda que se mantendo ambas no interior do mesmo modelo global, foram suficientemente diferentes para servir de base a dinâmicas demográficas bastante divergentes.

Em relação às tentativas feitas no século passado para vincular a dinâmica populacional dos escravos com o próprio sistema escravista, deve ser reconhecido que atinaram com alguns vínculos fundamentais. Seu ponto fraco consiste em não terem levado em conta a questão do tráfico *também nas suas incidências demográficas específicas* (de fato conhecidas e publicadas na época em numerosos escritos), além de considerar suas implicações econômicas.

(34) KLEIN & ENGERMAN, *Idem*; dos mesmos autores, Fertility differentials between slaves in the United States and the British West Indies. In: *William and Mary Quarterly*. (35), 1978. p. 357-74.

(35) MERRICK & GRAHAM. *op cit.* cap. 4, referem-se a diversos cálculos de diferentes autores em que tais ajustes foram feitos sem alterar as conclusões mais gerais; ver também EBLEN. *On the natural increase... op. cit*